

RE-ENCANTANDO A EDUCAÇÃO À LUZ DAS IDÉIAS DE HUMBERTO MATURANA

Introdução

O tema da educação, há muito tempo, está presente entre as preocupações mais desafiadoras da humanidade. Sem dúvida é um dos fenômenos mais complexos surgidos na história do desenvolvimento humano. Isto por que a ela cabe a tarefa de fornecer os subsídios fundamentais da existência do ser humano, tanto como indivíduo, quanto como ser social.

A questão central da educação está na maneira como é formulada. É verdade que a humanidade, durante milênios, não havia estabelecido distinções entre as diferentes tarefas dos indivíduos e da sociedade. Tudo tinha valor a partir das necessidades da vida. Nada era organizado separadamente. Cada particularidade fazia parte da totalidade. Educar consistia em integrar-se à vida coletiva de maneira natural. Desde os gregos quando, no Ocidente, foi estruturada uma ordem social a partir da autonomia dos indivíduos, a educação se tornou uma tarefa institucionalizada com o objetivo de formar o homem perfeito, dos pés à cabeça.

É importante lembrar que o projeto cultural grego passou a teorizar a realidade e toda a ação humana. Essa teorização, que tinha dois objetos básicos, a natureza e o homem, se constituiu no primeiro esforço de explicar todas as coisas a partir de princípios. O principal destes princípios é o de causalidade. Neste contexto surgiram as ciências que, em nossa tradição, identificamos com um simples nome, Filosofia. A filosofia tinha como meta primeira explicar todas as coisas pelas suas causas.

Em nome desse objetivo de construir conhecimentos verdadeiros, surgem, entre tantas outras iniciativas, dois ideais universalmente válidos: a Politéia e a Paidéia. Pela Politéia, os gregos construíram um projeto de uma sociedade ideal, a polis. Pela Paidéia, eles traçaram o ideal pedagógico, capaz de formar o cidadão, o homem da polis.

Depois que os gregos definiram a pedagogia como a arte de conduzir corretamente as novas gerações para se integrarem à ordem social vigente, nós continuamos debater o tema da educação. Ora questionando seu papel, ora questionando a legitimidade de uma ordem social. Para simplificar, eu diria que o nosso maior desafio neste início de século XXI, consiste em saber como formular a questão da educação. Em outras palavras, quais os aspectos a serem priorizados.

Não vou historiar a imensa lista de fórmulas desenhadas para tratar da educação. É certo que esta se estende desde a idéia de uma atividade fechada a cargo

das instituições escolares, comandada pelos adultos em nome da ordem social, até a negação radical que pensa uma sociedade sem escola.

Antes de concluir essa introdução quero chamar a atenção sobre a forma, que me pareceu original, pelo menos, não usual, de apresentar o tema da educação. Refiro-me ao termo re-encantando. É gerúndio do verbo re-encantar. Indica que uma ação que está acontecendo. Não se trata de algo feito, acontecido, mas por construir. E o seu significado está muito longe da idéia de debate, discussão ou crítica. Encantar ou re-encantar, certamente, não pertence ao vocabulário dos estudos científicos, conforme o paradigma defendido pela comunidade científica atual.

De início fiquei surpreso, embora tenha sentido uma emoção muito agradável. Entretanto, acostumado a ouvir os termos sérios da academia fiquei sem saber que rumo tomar. Re-encantar não fazia parte do vocabulário que aprendera para fazer ou orientar uma pesquisa, elaborar uma palestra ou propor um estudo qualquer.

Entretanto, confesso que a situação de estar sem rumo, há algum tempo, depois de me julgar livre das imposições estritamente acadêmicas, tenho certeza que é a melhor maneira de encontrar novos caminhos. Mas onde buscar inspiração? Nesta busca de inspiração, surgiu-me na lembrança a ópera de Mozart, **A flauta encantada**. Ela me fez recordar que a humanidade, desde que descobriu que poderia orientar sua vida fora dos limites estritamente biológicos, foi criando seus pontos de referência ou de direcionamento. Podia ser o sol, a lua ou uma estrela qualquer; um animal, uma planta ou uma rocha; o assovio do vento, as entranhas das aves, as cores do arco-íris. Podia ser o canto dos pássaros, o tempo da sementeira, da colheita ou do desabrochar das flores. Podia ser, também, um Deus invisível, mas presente no trovão, na chuva, no vento ou no alto das montanhas. Isto aconteceu no tempo do encantamento. Depois vieram as lógicas, a racionalidade, as ciências, a tecnologia, o mercado, e o encantamento ficou coisa do passado. Símbolo de ignorância e de primitivismo.

Agora, neste cenário de lógicas, ciências e tecnologias, só nos resta falar em re-encantamento, mesmo com o risco de ouvirmos os risos zombeteiros, não da empregada como no caso do filósofo grego Tales, mas dos cientistas de plantão. Digo de plantão, porque os cientistas do passado tinham outros paradigmas e, provavelmente, os do futuro terão outros. O mal está em pensar que chegaram à cientificidade perfeita e última. Fora deste paradigma não há conhecimento, somente crenças.

A humanidade sofrida precisa de re-encantamento. Esta é uma recomendação de Thomas Mann, o autor da *Montanha Mágica*, ao propor a leitura de Friedrich Schiller (1759-1805), o pensador da ludicidade e da sensibilidade, para que a cultura alemã se libertasse do excesso de racionalidade. E a obra de Schiller é, exatamente, *Cartas para a educação Estética do Homem*. (Über die Ästhetische Erziehung des Menschen. In einer Reihe von Briefen. Ele visava denunciar o “monopólio das escolas” praticado pelos objetos metafísicos. Nós podemos denunciar o monopólio dos saberes científicos. Seguindo essa recomendação, talvez, o começo seja mesmo, re-encantando a educação.

Falta saber se a educação deve ser re-encantada, ou se a educação deve re-encantar. A solução, no meu entender, mais adequada está no princípio da reversibilidade, proposto por Maurice Merleau-Ponty, ao observar que a mão que toca é, ao mesmo tempo, tocada. Em outras palavras, a mão é tocante e tocada. Ou então no koan do mestre Zen, citado por Fritjof Capra, “Você pode produzir o som de duas

mãos batendo uma na outra. Mas qual é o som de uma das mãos?”. Assim, encantar é educar, e educar é encantar.

Pensar em re-encantar a educação, provavelmente, pode buscar inspiração em diferentes pensadores, filósofos ou poetas. Entre todos, entretanto, as idéias de Humberto Ramezin Maturana, acredito serem as mais apropriadas. Esta afirmação está respaldada na socióloga Aurora Rabelo ao afirmar que o século XXI poderia ser o século de Humberto Maturana. Por isso, quero parabenizar a quem teve a feliz idéia de propor o re-encantamento da educação a partir de Maturana.

1. Humberto Maturana, o biólogo re-encantante

Humberto Maturana, Neurobiólogo chileno nascido em 1928, desde os tempos universitários, no final da década de 1940, era imbuído do sentimento de justiça social. Para ele, alcançar a formação universitária exigia uma retribuição à sociedade que lhe proporcionava tal privilégio. Neste sentido sustentava, com outros colegas, a idéia de que era preciso encontrar uma forma de devolver ao país o que estavam recebendo dele.

Quase meio século depois, falando sobre educação aos estudantes chilenos, Maturana lembra esta preocupação dos universitários de seu tempo, e constata que as preocupações dos universitários haviam mudado. Esta mudança estava marcada pelo dilema de escolher entre preparar-se para o mercado de trabalho, e o compromisso de lutar pelas mudanças da ordem político-cultural, geradora de excessivas desigualdades sociais. Talvez, não seja exagero afirmar que, no momento presente, até o dilema desapareceu, só restou o ideal profissionalizante para a competição no mercado de trabalho.

Diante deste quadro, Maturana inicia sua palestra com a pergunta: Para que serve a educação? Esta pergunta foi desdobrada em várias outras. Entre elas eu optei por uma, porque, ele mesmo diz que está no fundo da primeira, e, no meu entender, está diretamente relacionada com nosso tema. A pergunta é: O que queremos com a educação? A resposta, acredito, todos já sabem. Nós queremos re-encantar. E haveria outra resposta possível? Pelo menos não dentro do contexto desta palestra.

Re-encantar a educação, num primeiro momento, significa buscar uma pedagogia alternativa às pedagogias cognitivistas. Isto não significa negar a história da educação, mas simplesmente apresenta-la sob outras óticas. É o que podemos fazer seguindo os passos de Humberto Maturana, realizados no interior da biologia e da neurobiologia.

Maturana nos ensinou, inicialmente, que a busca por novos caminhos pode durar longos anos. O importante é não desistir, enquanto não se encontrou a resposta da questão.

Essa primeira atitude, como biólogo, está vinculada à sua insatisfação diante da explicação do ser-vivo, adotada pela biologia. Os biólogos tradicionais reduzem os organismos vivos a uma máquina, ainda que com a ressalva de ser uma máquina viva, regida por três princípios: morfogênese autônoma, teleonomia e invariância reprodutiva, segundo Jacques Monod. Para ele, contudo, esta teoria não atingia o âmago da questão. Queria encontrar uma explicação que, de fato, contemplasse a organização do vivo, como vivente e não como máquina.

Apenas como informação. Essa preocupação de Maturana, na verdade, se tornou mais aguda em 1960. Voltando ao Chile, já com seu Phd em biologia pela Universidade de Harvard, ao término de uma aula, um aluno lhe diz: “Professor, o senhor diz que a vida se originou na terra faz mais ou menos três mil e quinhentos milhões de anos. Que aconteceu quando se originou a vida? O que aconteceu a iniciar a vida, de maneira que o senhor possa dizer agora que a vida começou neste instante?” Maturana confessou que não podia responder, porque ele não se havia formulado a questão nestes termos. A resposta veio 20 anos depois. E surgiu sem o auxílio de uma metodologia científica. Numa conversa informal com um amigo, o filósofo José Maria Bulnes, Maturana, ao ouvir a palavra grega *poyesis*, percebeu que a palavra de que necessitava era *autopoiese*. Ela lhe dava a base fundamental para explicar a organização do ser vivo.

A etimologia do termo grego, *poyesis*, não significa apenas poesia, como nós a traduzimos hoje, mas significa, originalmente, criação. Assim a idéia anterior de Maturana para falar do ser-vivo como uma organização circular, foi substituída pela palavra *autopoiese*, isto é, auto-criação. Os seres vivos constituem um espetáculo auto-organizável

A auto-organização criativa não é um fenômeno submisso às leis da física, mas oferecido ao imaginário poético, isto é, o imaginário criador. Surge uma nova utopia, porque, como escreveu a socióloga Aurora Rabelo, “permite aos seres humanos se reencontrarem consigo próprios reencontrando-se entre si”. (Prefácio em *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*, p.9).

2. A autopoiese, fonte de encantamento

O desenvolvimento do ser vivo, humano ou não, conduzido pelas ciências, nos transforma em objeto de manipulação. A idéia de *autopoiese*, certamente, nos leva a reconhecer as possibilidades do encantamento. Todas as tradições, em qualquer cultura, que se referem às origens do universo, nunca falam de operações mecânicas ou lógicas, mas de forças encantadoras, sagradas ou mágicas. Esses fenômenos de encantamento não produzem destruição, nem dominação, apenas atraem as energias benévolas e protegem das malévolas. Tudo precisa conviver em equilíbrio e harmonia.

Essa visão sagrada ou mágica sobrevive até nas recentes teorias dos Buracos Negros ou do Big Bang. Elas são recursos pouco científicos, mas não inconsistentes.. O biólogo e médico, Henri Atlan, entre outros cientistas atuais, confirma a idéia de que o universo pode ser explicado como uma organização sagrada e divina. O sagrado e divino, bem entendido, não no sentido das teologias, mas como referência a aquilo que escapa ao controle de racionalidades lógicas. Neste sentido ele sustenta a possibilidade de duas metodologias. A dos procedimentos científicos atuais, e a da tradição talmúdica, ligada à tradição bíblica, rabínica e cabalista. Ambas têm por objetivo o conhecimento da estrutura do universo.

A *autopoiese*, para ser entendida no interior do pensamento de Maturana, precisa ser vista como a concretização da autonomia dos seres vivos. Tal autonomia, que não pode ser interpretada como isolamento, se fundamenta no fato de que os seres vivos são sistemas auto-referidos. Sistemas auto-referidos, como define Maturana, “são sistemas nos quais seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos. A definição se torna mais clara quando comparada com os sistemas,

identificados como “sistemas alo-referidos”. Esses sistemas possuem uma organização que faz sentido somente em relação a um produto ou algo distinto deles. Eles dependem de um fabricante. São conhecidos como objetos artificiais. Dependem de um artífice.

Um sistema auto-referido, a organização própria dos seres vivos, como é autônomo no seu operar, ele é resultante de uma auto-criação, isto é, ele é um sistema autopoietico. Os sistemas autopoieticos, alerta Maturana, podem ser de diferentes ordens, segundo o domínio onde se efetuam. As células constituem a primeira ordem porque eles existem como sistemas autopoieticos moleculares. Os organismos, entre eles nós humanos, pertencem à segunda ordem, por sermos constituídos como agregados celulares. Assim, define Maturana, “nós, os seres vivos, somos sistemas autopoieticos moleculares”, e conclui, “ser vivo e sistema autopoietico são o mesmo”. Uma família, uma ordem social, mesmo uma colméia, formam os sistemas autopoieticos de terceira ordem, porque são formados por um agregado de organismos.

O aspecto fundamental destas três ordens de sistemas autopoieticos está no fato de que eles se concretizam através da realização da autopoiese de seus componentes. Ninguém nega que a evolução da vida é surpreendente. Ela escapa do controle das ciências. Neste sentido, recorro a Grégory Bateson. Ele foi criticado pelos seus pares, porque em suas pesquisas usou um raciocínio lógico diferenciado ao dos outros cientistas. A base da crítica está no fato de lógica de Bateson, privilegiando os predicados e não os substantivos, serve para fazer poesia e não ciência. Ele se defendeu dizendo que a vida se desenvolveu até os atuais estágios sem se preocupar com as lógicas dos cientistas, aliás, diz ele, “ficaria surpreso se ela se tivesse preocupado”.

Não posso entrar na explicação biológica da autopoiese dada por Maturana, simplesmente porque não tenho o domínio dos conhecimentos em biologia e, também, porque não é o objetivo imediato desta palestra.

O que me levou a trazer aqui essas noções é porque, acredito eu, nelas se enraízam as possibilidades de se falar em re-encantar a educação.

Quando um indivíduo se reconhece como um sistema auto-referido, precisa iniciar por admitir que o seu processo de realização está nele mesmo. Evidentemente que esse reconhecimento não se dá de forma racional, ou à maneira de identificar um personagem através de uma fotografia ou por um exame de DNA. O processo é lento. Vai se dando à medida que se vive. A psicologia da infância mostra o processo deste auto-reconhecimento. Apenas quero lembrar que se dá pela experiência corporal. Lentamente o bebê vai identificando o que ele é. Em geral, as falas daqueles que o rodeiam referem-se ao que é dele. Desde o nascimento nascemos tendo corpo, e não sendo corpo. Assim crescemos guiados pela idéia de que o corpo pertence a alguém, nunca o corpo é esse alguém, dono de si mesmo.

Neste sentido vou fazer uma digressão pouco séria, mas muito real e expressiva. Tenho certeza que todos já observaram os comentários, talvez, os tenham feito, ao redor do berço de um bebê. “Olha o narizinho dele/a, é igual ao da mãe”. “E o furinho no queixo, é parecido com Kirk Douglas”. “A boca puxou ao pai”. “Os cabelinhos são os da Xuxa”. “Os olhos são os da tia”. Há, também, os comentários desabonadores. Esses, como são feitos longe do berço, deixo para a memória de cada um.

Concluída a digressão, preciso dizer para que serviu. Serviu para dizer que já nos primeiros comentários que ouvimos somos desenhados como resultado de componentes de outros corpos. E nas conversas entre amigos descrevemos essa nova criatura, portadora dos olhos da tia, da boca do pai, etc. Ela não é reconhecida como uma nova e original realidade corporal. Neste ambiente a idéia de um sistema auto-referido, cede lugar à idéia de um sistema alo-referido.

Os nove meses de gestação garantiram a formação de um corpo (organismo) vivente, dentro da tese de Maturana, como um sistema auto-referido, isto é, autopoietico. Portanto ele é original enquanto processo de auto-realização. O ovo humano contém, inscritas em si, todas as suas possibilidades de desenvolvimento. Para isso é suficiente que tenham os recursos e o ambiente favoráveis. É, exatamente, assim que começa a autopoiese.

Depois do nascimento, lentamente, esta obra autopoietica tem continuidade pela aceitação de si mesmo, enquanto presença corporal. Mas como fazer isto se crescemos num ambiente em que nos construímos de fora. Aprendemos, muito cedo, que somos uma racionalidade, uma consciência, um eu transcendente como entidades supra-corporais. Essas entidades são os verdadeiros proprietários do corpo. Esse modelo, criado pelos gregos, foi adotado literalmente pelo Ocidente. E ele tem o seu preço e suas leis.

Provavelmente vou exagerar mas, no meu entender, esta situação pode ser muito bem compreendida através do simbolismo mitológico. Os manuais de psicologia geral narravam a lenda de Procusto. Procusto era um tipo de São Bernardo mitológico. Ele acolhia os peregrinos, que passassem pela sua cabana, situada no alto das montanhas. O acolhimento era caloroso, mas à noite, na hora de dormir, surgia uma surpresa. Na choupana havia só um tamanho de leito e havia uma norma que exigia que as medidas do hóspede deviam corresponder às do leito. Desta forma o “bondoso” hospedeiro, de quem excedesse as medidas, amputava-lhe uma parte, e de quem fossem insuficientes, espichava-o até preencher toda a extensão. Levei tempo para entender toda a dimensão desta lenda e sua atualidade. A nossa cultura tem muito desta psicologia de Procusto. Talvez, tenham mudado apenas as formas de mutilação. Hoje os que apresentam medidas em excesso ou em carência a mutilação se dá por exclusão. Os mutilados de hoje são os excluídos. Mutilados porque não se encaixam nos leitos da sociedade.

E, depois de ler Maturana, talvez, cometa mais um exagero, mas cheguei a pensar que não há mais necessidade do falso São Bernardo, pois nós mesmos nos submetemos às dimensões dos leitos científicos, atléticos ou estéticos.

A racionalidade nos torna iguais, porque ela se compõe de modelos de pensar e de agir que podem ser reproduzidos por cada pessoa. As emoções, ao contrário, se manifestam de diferentes maneiras, tanto entre os indivíduos como em cada um, seja em situações idênticas, seja em situações diversas.

O reencontro com a corporeidade se torna possível e inevitável quando cada um se reconhece como um sistema auto-referido. O reencontro consigo mesmo, diz Maturana, se inicia com a aceitação de que “nossa corporeidade nos constitui, e que o corpo não nos limita, mas, ao contrário, ele nos possibilita”. (Emoções e Linguagem na Educação e na Política p.53). O corpo, de fato, é o conjunto de todas as nossas possibilidades. A idéia de limites nasce quando surge a comparação com o mundo exterior.

Finalmente, é preciso lembrar que a aceitação, ou a recusa, do corpo, como fonte de todos os nossos recursos de auto-realização, não se dá sob o comando da razão, mas pela paixão das emoções.

3. As emoções do encantamento

Por que as emoções seriam responsáveis pelas nossas decisões frente à aceitação ou recusa do corpo? A resposta é simples, porque a própria racionalidade é uma escolha emocional. Mas vejamos por que nos causa tanta estranheza esse privilégio, dado às emoções, no pensamento de Maturana.

Para começar vamos ver como Maturana define as emoções. Em primeiro lugar ele avisa que “as emoções não são o que corretamente chamamos de sentimento”. A compreensão da emoção, ou do emocionar-se, não é colocada por Maturana na esfera do psíquico, mas do biológico. Assim “as emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos”. Desta maneira conclui-se que toda mudança de emoção corresponde a uma mudança de domínio de ação.

Em segundo lugar, Maturana afirma que a capacidade de emocionar é um fenômeno que pertence a todo reino animal. “Todos nós, os animais, temos emoções”. Quando o ambiente, em que estamos, é alterado, o nosso comportamento é afetado. E o será tanto mais, quanto maior for a alteração. Esta reação pertence ao domínio do emocional, pois atinge não somente a ação, mas também a razão. (Emoções e Linguagem na Educação e na Política p. 16).

Por fim, insiste Maturana, “todo sistema racional se constitui no operar com premissas aceitas, a partir de uma emoção”. Portanto, “não é razão o que nos leva à ação, mas a emoção”. Neste sentido “o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional”. Quando agimos racionalmente justificamos nossas ações através de argumentos coerentes, supondo que estes não têm nenhum fundamento emocional, pois acreditamos que tal condição seria uma limitação à nossa identidade racional. (idem p.15-23).

Em nome desta identidade racional, as pedagogias ocidentais construíram os modelos educacionais formais como acesso à cultura e à vida social. Esta racionalidade fundante foi se restringindo até se reduzir aos conhecimentos científicos.

E neste contexto racionalizante o perfil educacional, escolar ou não, está marcado pela oposição excludente entre o racional e o emocional. Nesta oposição, a racionalidade, sempre que se trata de manifestações públicas, deve controlar todo nosso agir. Uma atitude emocional será sempre interpretada como um gesto de desequilíbrio. A emocionalidade encontra guarida na vida privada. A emoção somente será legítima sob o controle da racionalidade. O sistema racional é definido como uma construção coerente graças a um conjunto de princípios lógicos, a partir dos quais desenvolvemos nosso raciocínio e nosso agir.

Humberto Maturana, com base na própria biologia, mostra que a racionalidade não é nem contrária nem contraditória à emocionalidade, porque possui um fundamento emocional. A crença generalizada de que é a razão que identifica e distingue a espécie humana, além de nos cegar diante da emoção, também a coloca no nível dos irracionais e como negação do racional. O fato de nossa identificação como seres racionais nos impede de ver o entrelaçamento entre razão e emoção. A nossa

vida é tecida de fios de racionalidade e de emocionalidade. Basta observar em base de que tomamos as nossas decisões. Portanto, a escolha da razão, ou da racionalidade, como característica primeira do ser humano, é feita com base não-racional. Aceitamos a racionalidade porque nos agrada, nos interessa ou nos dá previsibilidade. E acima de tudo nos confere poder. Foi assim que privilegiamos a racionalidade e excluimos o emocional. Por isso, observa Maturana, “pertencemos a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente, e ao que provém de nossas emoções, um caráter arbitrário”. (Emoções e Linguagem na Educação e na Política p. 52).

Para o pensamento corrente, especialmente no mundo intelectualizado, a emoção nos aproxima do caos da irracionalidade. Deste modo nós, dificilmente, admitiremos a idéia que o racional nada mais é que uma opção emocional. Ela poderá tornar-se palatável, mesmo para os racionalistas radicais, quando se reconhecer que o fundamento emocional do racional não é uma limitação.

Não se trata agora, em nome do encantamento, de eliminar a racionalidade, mas apenas de reconhecê-la como uma manifestação emocional, que nos dá muito poder de dominação e controle. Querer controlar e dominar são formas de manifestação emocional. Controle e dominação são desejos de submeter à nossa vontade o mundo que nos cerca.

Uma conclusão parece ser, sob a ótica de Maturana, incontestável, a de que para encantar ou re-encantar a educação há um único caminho, o caminho das emoções. E no caminho das emoções há uma luz de uma emoção maior, a emoção do amor. O amor encanta a vida e inspira a pedagogia encantada e encantante.

4. A pedagogia re-encantante

A pedagogia encantante é aquela que encanta. E para encantar a pedagogia precisa estar fundada na emoção que funda o modo de ser do ser humano. “A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor”, é o que proclama Maturana. E isto seria suficiente para rever os fundamentos de nossas pedagogias cognitivistas. Mais uma vez, Maturana adverte que ele está falando em nome da biologia, mas que afirma com toda a convicção que, infelizmente, “a palavra amor foi desvirtuada, e que a emoção que ela conota perdeu sua vitalidade, de tanto dizer que o amor é algo especial e difícil. O amor é o fundamento da vida humana, mas não é nada especial”. (idem p. 23)

O amor inspira duas aceitações. A primeira é a aceitação de si mesmo. Aceitar a si mesmo significa amar-se. Do amor de si mesmo depende o reconhecimento de ser um sistema auto-referido que cada um é. Do amor de si mesmo depende a aceitação de si mesmo como decisão primeira para o processo de auto-realização. Da aceitação e do respeito de si mesmo depende a aceitação e o respeito para com os outros e a natureza.

A educação encantante tem como primeira preocupação oferecer condições para que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se em seu ser. E isto é fundamental para todo processo educacional, pois sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro.

Neste sentido nada melhor do que ouvir as palavras do próprio Maturana: “O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a

aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto.” (idem p. 25)

A história da educação ocidental nos mostra quanto nos distanciamos da pedagogia do encantamento. Se esta constatação não fosse verdadeira, não estaríamos aqui fazendo o que foi chamado, re-encantando a educação.

Não é necessário, mas julgo importante, trazer aqui alguns aspectos da denúncia, feita por Maturana, a respeito da educação atual.

Vejam os pontos mais fortes desta denúncia. Hoje, educar significa transmitir conhecimentos que dão poder para competir no mercado de trabalho. O grande ideal é tornar-se um grande competidor. Assim a competição profissional é exaltada como o fim último da formação acadêmica. A vida estudantil é dominada pela teria do mercado livre e da sadia competição. O livre mercado encontra seus fundamentos nas leis supremas da oferta e da procura. A sadia competição é a dinâmica que faz funcionar corretamente o mercado.

Frente a esse modo de pensar mercantilista, Maturana faz quatro afirmações contundentes. a) A competição sadia não existe. b) A competição não é nem pode ser sadia. c) A competição é um fenômeno cultural, e não constitutivo biológico. d) A competição, como fenômeno humano, é a negação do outro. (Idem p. 12-13).

Seguem alguns argumentos que mostram a perversidade da competição. Não é preciso fazer referência às guerras. Ou a imaginação belicosa na invenção de armas mortíferas. Os cenários que presenciamos, via mídia televisiva, são a demonstração de que a vida não tem nenhum valor. E os mandantes viajam e se reúnem sorridentes como representantes de democracias que impedem um terço da humanidade a ter uma vida digna. O homem matando impiedosamente seus semelhantes. Esse comportamento somente é possível na espécie humana. É a manifestação suprema da competição.

Alguns poderão dizer que no reino da natureza acontecem também mortes. Por exemplo, os carnívoros fazem suas vítimas entre os animais. Os herbívoros se alimentam de vegetais. Maturana, não nega esse fato, mas observa que as vidas interrompidas, como alimentação, ocorrem para continuar a vida. Entre nós, humanos, as vidas são suprimidas em defesa da propriedade ou da ambição de poder. Por isto a propriedade acaba por ser o maior atrativo para os competidores. Ela é uma entidade jurídica acima dos direitos das pessoas terem uma vida digna. Ela se tornou a legítima intermediária dos humanos entre si e com a natureza. E tudo indica entre eu e meu corpo.

Vamos deixar de lado as atrocidades da competição guerreira e as injustiças da propriedade, para observar outros cenários competitivos, embora pouco questionados e, geralmente, exaltados. Refiro-me às práticas esportivas. Fenômeno que Maturana não esquece. A esse respeito ele diz: “Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro”. (Idem p. 13). Além disso, para um observador mais atento, é possível caracterizar a linguagem, dita esportiva, com uma linguagem de guerra, de luta, de agressão e de defesa.

Diante de uma cultura com esses valores tão enraizados, podemos perguntar, haverá alguma saída? Haverá lugar para sonhar com o re-encantamento da educação? A receita simples de Maturana é a seguinte: “Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social”. E aponta o exemplo que vem da natureza. Ela construiu redes de participação, de inclusão, de colaboração, de compreensão, de acordo, de respeito e co-inspiração. Seguindo essas redes, ela, a natureza, chegou até aos humanos. Portanto, voltando a repetir as palavras de Maturana: “Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhece-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive”. (Idem.34). Para completar esta proposta de recuperação ele nos convida a lembrar o grande mestre de Nazaré. “Jesus era um grande biólogo. Quando ele fala de viver no reino de Deus, fala de viver na harmonia que traz consigo o conhecimento e o respeito pelo mundo natural que nos sustenta, e que permite viver sem abusá-lo, nem destruí-lo.” (emoções p. 35)

Conclusão

Poderia, talvez, deveria terminar aqui, mas não posso deixar de voltar ao início, quando revelei minha simpatia pela idéia de re-encantar a educação. E fiquei convencido que é urgente essa tarefa de re-encantamento, pois a nossa educação, concentrada no conhecimento científico que dá poder, está completamente enclausurada pela e na racionalidade, sem emoções e sem encanto. Além disso, somos transformados em objetos de nós mesmos, seja pelo paradigma epistemológico, calcado sobre o dualismo sujeito/objeto, seja pela inclusão do corpo como um objeto de posse e de mercado.

Mas o mais assustador é ouvir pessoas, que ocupam cargos de decisão neste mundo globalizado, afirmarem com toda tranqüilidade que as guerras fazem parte da natureza humana, ou admitir que existem males necessários como a tortura, a violência, as agressões, as prostituições.

A criança, pergunta Maturana, como poderia olhar para si mesma se o que vê não é aceitável, se o que faz está errado, se o que fala não tem valor? Assim, somente pode concluir que o bom, o certo, o correto e o aceitável estão situados fora dela. Ela precisa copiar, repetir, reproduzir e ser o que os outros dizem que ela deva fazer e ser.

Neste cenário, em que somos estranhos a nós mesmos, proibidos de toda emocionalidade, despojados de toda vontade acabamos por não assumir nossa condição de sistemas auto-referidos para adotarmos o sistema alo-referido. Aderimos inconscientemente aos outros na construção externa de nós mesmos. Em lugar de sermos uma obra autopoética, preferimos, forçosamente, adotar o modelo de artefato, desenhado por mão alheia. Aceitamos ser máquina de pensar, de produzir, de consumir e, até, de amar. Aqui cabe lembrar a obra de Maturana e da Gerda Verden-Zöllner, Amar e Brincar, Fundamentos esquecidos do humano.

O auto-desenvolvimento não é uma tarefa simples, porque cada um deve assumir a condição de artista, de poeta da obra de arte, que é ele mesmo. Mas será sempre gratificante quando é executada pela emoção, o amor.

Num processo de auto-desenvolvimento, certamente, a maior dificuldade está em elaborar os procedimentos mais adequados. Saber o que deve ser feito para que ele ocorra respeitando suas possibilidades. Para expressar essa dificuldade foi parodiar Hipócrates, o pai da medicina, ao afirmar que “Se nós tivéssemos condições de estabelecer a quantidade exata de alimentos para cada indivíduo, e determinar o nível necessário de exercícios, nem em excesso, nem pouco, teríamos encontrado o caminho certo para a saúde.” Eu substituiria apenas a palavra saúde por autopoiese.

Antes de terminar vou tentar apelar para a mitologia, nem que cometa um crime ou uma heresia para os psicanalistas. Acredito que a lenda de Narciso, o herói que se encanta com a própria imagem, poderia ser re-interpretado. Não o Narciso que se fecha em sua própria imagem, mas que, ao encantar-se com sua imagem, possa encantar-se com a imagem dos outros.

Finalmente, ainda que de maneira poética e ingênua, entre os manuais científicos e de metodologias e o tempo de falar de ciências, nós, professores, poderíamos reservar um espaço e um momento para ouvir as melodias de uma nova Flauta Encantada.

Prof. Dr. Silvino Santin